



Temas que acontecem: qualidade de vida e jornalismo especializado de revista¹

Frederico de Mello Brandão TAVARES²

Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS

Resumo

Este texto pretende problematizar uma prática jornalística específica: a da cobertura sobre a qualidade de vida pelo jornalismo especializado de revista. Parte-se de algumas particularidades do jornalismo tradicional, voltado para os acontecimentos, tensionando-as com algumas características do jornalismo especializado. Neste percurso, atenta-se para algumas marcas que permeiam a sociabilidade cotidiana contemporânea e releva-se alguns conceitos caros ao jornalismo como “tempo”, “espaço” e “acontecimento”. Como horizonte empírico, toma-se a revista *Vida Simples* (Ed. Abril), suas características e os grandes temas de suas edições. Aponta-se neste contexto, de forma não conclusiva, para afetações recíprocas existentes no encontro entre temporalidades e espacialidades sociais e jornalísticas.

Palavras-chave

Jornalismo de Revista; Qualidade de Vida; Espaço; Tempo.

1. Jornalismo, espaços e tempos

Quando se fala em jornalismo recorre-se, freqüentemente, a associação de duas noções: atualidade e periodicidade. Ambas são responsáveis diretas pela existência de uma definição corrente para a prática jornalística que é a de cobertura e vigilância regular sobre os acontecimentos do mundo. Cabe ao jornalismo falar sobre o que é atual e de forma periódica. No entanto, tal conceituação acaba também por, muitas vezes, restringir a idéia de jornalismo a uma só imagem e a certos produtos e práticas bastante específicas. Diz-se por jornalismo como o “fazer notícias” e, por jornalistas, aqueles que, diariamente, olham para o mundo em busca do novo, do que é novidade. Um conceito que não é incorreto, mas que expressa apenas uma faceta para se pensar este campo (seu objeto, suas práticas e caracterizações).

Nesse contexto, uma questão importante é pensar na idéia de jornalismo, no plural. Falar de jornalismo implica, com certeza, na reflexão e associação sobre o que é atual e sobre uma prática que se dá regularmente, cercada por um verdadeiro e legítimo campo profissional. Mas o jornalismo encontra-se materializado e – conseqüentemente – “praticado” na sociedade de diversas formas. Seja na grande imprensa, seja em instituições e experiências

¹ Trabalho apresentado no NP Jornalismo do VIII Nupecom – Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando em Ciências da Comunicação pela UNISINOS, onde integra o Grupo de Pesquisa Estudos em Jornalismo (UNISINOS/CNPq). Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq – Brasil. Jornalista e Mestre em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: fredericombtavares@yahoo.com.br.



profissionais de menor porte. É preciso, pois, problematizar suas definições mais canônicas, bem como aquelas que o acompanham no imaginário popular. O que é atualidade jornalística? E periodicidade? Como uma determina a outra? O que as determina?

As respostas para tais questões podem ser relacionadas ao referente majoritário da prática jornalística – o acontecimento – e como o mesmo relaciona-se a dois grandes eixos: o tempo e o espaço. Ao construir relatos sobre o mundo, o jornalismo cruza tempos e espaços – os sociais e os jornalísticos – constituindo, nos encontros e desencontros aí efetuados, sua pluralidade.

Os estudos de jornalismo, de alguma forma, tratam de tais questões. Quando se pensa sobre as rotinas produtivas e os aspectos discursivos e simbólicos dos produtos jornalísticos, reflete-se sobre as temporalidades e espacialidades que os envolvem. Por isso, definir o jornalismo a partir de um só aspecto torna-se problemático. Os referentes jornalísticos e suas dimensões devem ser observados em sua pluralidade.

As chamadas “teorias do jornalismo”, como aponta Nelson Traquina (2001), são, em síntese, um forma de se compreender “por que as notícias são como são”. No entanto, pela ótica do tempo e do espaço, refletir sobre a notícia não dá conta de dizer “tudo” sobre o jornalismo. Principalmente por duas questões interconectadas: nem todo espaço (no sentido aqui de suporte) e produto jornalísticos estão voltados para elas, assim como as mesmas não são exclusivamente o resultado da prática jornalística.

No âmbito do jornalismo diário e semanal – e aí podemos entender uma faceta de como a periodicidade está relacionada à atualidade –, podemos falar mais usualmente em notícias. Não só pela dimensão e repercussão que se propõe para a cobertura cotidiana dos fatos, mas pela própria dinâmica espaço-temporal que envolve a sua produção. Tanto no que diz respeito às características dos veículos que a realizam, quanto ao teor e ao tipo de assuntos a serem tratados.

No entanto, quando avançamos sobre outras formas concretas (materiais e discursivas) de atuação jornalística sobre o mundo, é preciso entender o jornalismo para além das notícias. Não no que estas estruturam, desvelando-as, mas naquilo que é jornalístico sem ser propriamente noticioso.

A notícia é uma forma discursiva de se pensar o jornalismo, localizando-se na ponta final da cadeia produtiva e servindo de elo para o processo de recepção que ela inaugura³. Mas os próprios espaços materiais (suportes) jornalísticos – suas características

³ Nas palavras de Jorge Pedro Sousa, a notícia constitui-se como um conjunto de “artefatos lingüísticos que procuram representar determinados aspectos da realidade e resultam de um processo de produção e fabrico onde interação, entre



gráficas e visuais (como a diagramação de uma página de jornal ou revista) –, assim como outras formas textuais – a reportagem, por exemplo – devem ser pensados.

Neste contexto, dois outros elementos ganham relevância, determinando, conseqüentemente, um terceiro. 1) Se partimos de outros jornalismo, é necessário tratar do conceito de informação jornalística – que transcende o de notícia – 2) assim como também da noção de tema jornalístico – que amplia a atuação deste último para além da cobertura do factual⁴. Tais elementos nos levam para um outro, que também configura um importante aspecto dos jornalismo: 3) sua especialidade.

Além de ser uma “uma palavra especializada sobre o mundo”, como nos ressalta FRANÇA (1998)⁵, por estar inserido num dispositivo institucional e discursivo, o jornalismo encontrar-se-á, também, segmentado. Tanto tematicamente (por voltar-se para campos distintos de conteúdo, organizando através deles a vida social), quanto tecnologicamente (variando e singularizando-se de um veículo para o outro).

Assim, retomando, para pensar de forma complexa o jornalismo é necessário, na sua pluralidade, entender como tempos e espaços se cruzam. Não apenas noticiosamente, mas de outras formas.

Baseado neste contexto, este artigo pergunta sobre as especificidades que marcam temporal e espacialmente o encontro do jornalismo especializado de revista com a temática da qualidade de vida na sociedade atual. O que é tratado? Como é tratado? Que dinâmica midiática e jornalística revela-se nesse processo?

Para este exercício, focamo-nos empiricamente na revista *Vida Simples*. Grande representante hoje, na mídia impressa nacional, de um “sofisticado” tipo de jornalismo voltado para o bem viver.

Partimos da idéia de que a qualidade de vida, tema muito presente no contexto da mídia contemporânea, ao ser trabalhada pelo jornalismo especializado de revista, conduz este jornalismo para uma apropriação de acontecimentos de longa-duração na vida cotidiana, de

outros, diversos fatores [...]” (SOUSA, 2002, p. 13). Tais fatores, segundo o autor, atuam como variáveis de natureza pessoal, social, ideológica, cultural, história e física (tecnológica), sendo incorporados e difundidos pelos diferentes meios de comunicação. A notícia, diz Sousa (2002), traz consigo uma novidade que tem sentido compreensível em determinados contextos (históricos e socioculturais), sendo o leitor/ receptor, responsável por reconhecê-lo e por atribuir-lhe seu último significado.

⁴ Chamamos de factual aqui não o fato propriamente dito, uma vez que este por constituir o processo de construção social da realidade, será sempre motivo de qualquer cobertura jornalística; mas a idéia da existência de uma cadeia de acontecimentos que permeiam o cotidiano. É nesta, enquanto sucessão de fatos, que o jornalismo buscará abordar aquilo que “foge à normalidade” ou que “irrompe”, salienta-se na superfície do dia-a-dia.

⁵ Outra autora que lida com essa noção é Mar de Fontcuberta: “La especificidad de la profesión de periodista pasa asimismo por convertirse en un verdadero especialista con capacidad para seleccionar, valorar y comunicar con rapidez el contingente de informaciones generadas en las diferentes áreas de conocimiento de la realidad social que configuran hoy la información periodística” (FONTCUBERTA, 1993, p. 123).



grandes conjunturas sociais e subjetivas, alterando e configurando uma outra relação do jornalismo com o seu principal referente: o acontecimento.

Nossa tese é de que a temática da qualidade de vida pode ser vista como algo que acontece, que não é um assunto estático do qual se elege um aspecto para o relato jornalístico. Acreditamos que os relatos (visuais e textuais) produzidos pela cobertura do bem-estar na sociedade, não são, com isso, apenas enquadrados jornalisticamente, mas revestem o próprio jornalismo de outros enquadramentos. Um incidindo sobre o outro.

Neste percurso, ainda em desenvolvimento⁶, esperamos revelar indiretamente aspectos próprios do que se pode chamar de “jornalismo especializado de revista”, permitindo pensar, de forma global, a prática, a materialidade e a discursividade jornalísticas aí envolvidas.

2. A qualidade de vida entre o tema e o acontecimento

A preocupação com a qualidade de vida não é algo novo na história humana e social. Desde as antigas civilizações estabeleceram-se formas e padrões de vida cujos enfoques tinham, entre muitos objetivos, formatar um padrão de vida condizente com valores e questões materiais ligadas a determinados contextos e culturas. De um ponto vista antropológico, podemos dizer que o bem viver está diretamente relacionado ao *ethos*⁷ de uma sociedade.

No âmbito científico, as Ciências Humanas e Sociais em geral tem revelado ao longo do tempo como hábitos, manifestações simbólicas e discursivas são reveladores de anseios sobre o bem estar coletivo e individual, marcando o “espírito do tempo” de certa época e local⁸. Nesse âmbito, ficam implícitas temporalidades e espacialidades que são, sem dúvida, marcadores de uma leitura para a compreensão de visões de mundo, do papel dos atores sociais e de transformações subjetivas.

Na esfera da reflexão sobre essa dinâmica também são elaboradas maneiras de organização de conjunturas, tomando por base, principalmente, situações de estabilidade e tensão no interior das sociedades. Hoje em dia, visando majoritariamente as ditas “sociedades ocidentais” ou “capitalistas”, as muitas teorias sociais têm se dedicado a identificar e caracterizar grandes períodos sociais, denominando-os – de várias formas – em tríades que,

⁶ As questões aqui levantadas norteiam algumas discussões que são base para a nossa pesquisa de doutoramento, iniciada em março de 2007, sob orientação da Profa. Dra. Christa Berger.

⁷ Como nos relembra Clifford Geertz (1989), o termo *ethos* resume os aspectos morais (e estéticos) e os elementos valorativos de uma dada cultura. “O *ethos* de um povo é o tom, o caráter e a qualidade de sua vida, seu estilo moral e estético, e sua disposição é a atitude subjacente em relação a ele mesmo e ao seu mundo que a vida reflete” (GEERTZ, 1989, p. 93).

⁸ Berger e Luckmann (2004) associam este processo às construções e às crises de sentido individuais e coletivas que permeiam a sociedade e cujas orientações estão atreladas àquilo que eles chamam de “configurações de valores”.



em sua maioria, têm os marcos “pré”, “durante” e “pós” atrelados ao conceito de modernidade. Não é nossa intenção entrar nos méritos dessa discussão. Mas tomá-la como pano de fundo é importante para percebermos de qual conjuntura fala hoje e para qual volta-se hoje⁹ o jornalismo que “cobre” a qualidade de vida.

No livro *Tempos Líquidos*, Zygmunt Bauman (2007a) elenca cinco “mudanças de curso” da sociedade atual, todas intimamente conectadas, cujas conseqüências, além de originar um novo curso para as atividades individuais, geram um novo ambiente social permeado de inéditos desafios e obstáculos. Primeiramente, aponta Bauman, vivemos hoje a passagem de uma sociedade sólido-moderna para uma líquido-moderna. Em segundo lugar, há hoje a separação entre o poder e a política, exemplificada principalmente na decrescente participação do Estado na vida social, na crescente autonomização do mercado e na supervalorização do indivíduo. Em terceiro lugar, há a redução da segurança comunal (contra o fracasso e o infortúnio individuais) promovida anteriormente pelo Estado, acompanhada pela redução da solidariedade social e o enfraquecimento das comunidades. Em quarto lugar, existe o colapso do pensamento e do planejamento em longo prazo e a quebra das estruturas sociais nas quais tais ações estavam apoiadas¹⁰. Em quinto lugar, há a necessidade e a exigência social de que os indivíduos sejam responsáveis pelo curso de suas vidas, sabendo suportar e decidir sobre suas ações da melhor forma.

Assim como Bauman, Michel Maffesoli centra-se na questão do tempo para pensar a conjuntura da sociedade atual e suas modificações. Como aponta o autor, haveria hoje uma inversão na polaridade temporal que confere presença à vida, valorizando-se o presente. Estaríamos na “passagem de um tempo monocromático, linear, seguro, o do projeto, a um tempo policromático, trágico por essência, presenteísta e que escapa ao utilitarismo do cômputo burguês” (MAFFESOLI, 2003, p. 9). Fica evidente aí a existência de uma mudança de paradigma cultural, cujo eixo encontra-se na valorização hoje do instante, fazendo deste, paradoxalmente, um instante eterno.

Gilles Lipovetsky (2004) relembra Jean François-Lyotard anotando o vínculo – hoje – entre uma “condição pós-moderna” e uma temporalidade presenteísta. Na época da pós-modernidade, ressalta o autor, há uma valoração do aqui-agora, uma perda de

⁹ Este “hoje” está associado a denominações como “Modernidade Tardia”, “Modernidade Líquida”, “Pós-Modernidade”, “Hiper-Modernidade” entre outros termos.

¹⁰ Richard Sennet, ao refletir sobre as modificações institucionais decorrentes com as modificações da “antiga modernidade”, associa a questão da administração do tempo a modelos distintos de burocracia. Segundo o autor, “o tempo racionalizado permitia que os indivíduos encarassem suas vidas como narrativas – não tanto daquilo que necessariamente acontecerá quanto da maneira como as coisas deveriam acontecer, a ordem da experiência” (SENNETT, 2006, p. 29). Este tempo racionalizado, que afetava profundamente a vida subjetiva, hoje se modificou, não sendo mais possível, na nova “página” da burocracia, o autocontrole. Forma-se então um paradoxo e uma ironia: numa sociedade de modelo institucional cada vez mais livre e menos rígido, os sujeitos tornam-se ainda mais presos devido à insegurança e a novos traumas sociais e emocionais.



credibilidade dos sistemas progressistas, uma primazia das normas da eficiência, uma mercantilização do saber e a multiplicação de contratos temporários. Tudo isso, gerando a “consagração do presente”.

Neste cenário, como lembra Maffesoli e outros autores (BAUMAN, 1998, 2001, 2007a, 2007b; GIDDENS, 1991, 2002; RÜDIGER, 1996) passam a atuar uma série de discursos terapêuticos, partindo de diversas instituições, visando intermediar a busca pelo restabelecimento de certa normalidade para os indivíduos e a coletividade em geral.

Intitulando nossa sociedade como moderna, Berger e Luckmann (2004) relembram o conceito de “instituições intermediárias” de Durkheim e dizem caber a estas o papel de mitigar os aspectos negativos da modernização (alienação, anomia) ou de colaborar na superação das crises de sentido que possam surgir. Exemplos desses atores seriam: uma comunidade eclesial, um grupo psicoterapêutico, ou uma Secretaria de Estado de Bem-Estar. Entretanto, são justamente estes modelos de instituição, aqueles que, como apontam os outros autores acima citados, entram em crise.

Assim, o quadro de crise torna-se ainda mais complexo, assumindo novas variáveis e contando com outros atores institucionais. Estes passam a veicular e publicizar “opiniões”, segundo Maffesoli, “bem pensantes, todas tingidas de um moralismo distinto que indica o que se tem de pensar, dizer ou fazer à massa ignorante, desacreditada e um pouco depravada” (MAFFESOLI, 2003, p. 14).

Um destes atores – relevante em representatividade e poderio político, econômico e simbólico – é justamente a mídia. Como aponta Giddens (2002), os meios de comunicação atuam hoje na mediação da experiência na sociedade contemporânea, intensificando um processo que já existe nas relações humanas cotidianas por meio da linguagem. Além disso, os meios também assumiriam um papel terapêutico, procurando atuar na orientação do comportamento e na formatação de maneiras “corretas e saudáveis” de viver o presente, a vida do dia-a-dia.

No entanto, quando tentamos aprofundar a noção de mídia tratada por estas fontes, acabamos por esbarrar num quadro amplo e válido, mas ao mesmo tempo restrito. Mídias são várias. Assim como o é o jornalismo. Por isso, de posse deste “impasse”, e ao mesmo tempo valorizando a pertinência da discussão que ele incorpora, voltemos às questões que problematizávamos no início deste texto. Diante do contexto midiático, o que se pode apontar no momento em que o jornalismo especializado busca olhar para as crises sociais e subjetivas, elegendo como recorte temático a qualidade de vida?



2.1. Aproximações ao jornalismo especializado de revista

No interior do campo jornalístico, o jornalismo especializado é visto como formatado por uma dupla exigência: 1) do próprio público, cada vez mais setorizado e/ou, 2) como uma necessidade dos próprios meios para alcançar uma maior qualidade informativa e uma maior profundidade dos conteúdos para os quais se volta. Nesse processo, valoriza-se a competência de tradução de setores muito especializados da vida social – as ciências e a mecânica, por exemplo – em codificações de alcance generalizado. “Debemos entender la especialización como una herramienta disponible hoy día, con el objetivo de ampliar y de hacer comunicables contenidos específicos que, sin ese conocimiento por parte del informador, no podrían ser transmitidos al público con objetividad y seriedad” (ATALA, 2005, p. 2).

Atribui-se a esse tipo de jornalismo, portanto, o papel de buscar intermediar saberes especializados na sociedade, construindo um tipo de discurso que, noticioso, ou “apenas” informacional, promova um outro tipo de conhecimento que se funde na compreensão conjunta do universo – geralmente – científico e do senso comum.

Nos estudos da “Periodística Espanhola” (BORRAT, 1993; CASASÚS, 1988), o jornalismo especializado é vinculado ao conceito de IPE (“Información Periodística Especializada”), cujas bases estão voltadas para a idéia de um jornalismo cujos conteúdos informativos não corresponderiam a características de generalismo e de superficialidade. Assim, como apontam dois autores de referência nestes estudos,

la especialización periodística es aquella estructura que analiza la realidad, proporcionando a los lectores una interpretación del mundo lo más cabada posible, acomodando el lenguaje a un nivel en que se determine el medio y profundizando sus intereses y necesidades (ORIVE; FAGOAGA, 1974, p. 69)¹¹.

No jornalismo especializado, pode-se dizer, há sempre uma mescla, independentemente do meio e do conteúdo, entre a necessidade de um processo investigativo e interpretativo distinto sobre o mundo e a adequação de termos e lógicas a uma linguagem acessível. A reportagem talvez seja o exemplo por excelência das manifestações deste tipo de jornalismo; já que ela acompanha a especialização determinada por um veículo ou seção (de jornal, revista, programa televisivo etc), mas ultrapassa discursivamente o caráter puramente

¹¹ Hector Borrat (1993) problematiza um pouco mais sobre o conceito de IPE, lembrando que um de seus dilemas encontra-se localizado na distinção profissional de duas concepções: a de “prensa especializada” e a de “especialistas”. Ambas possuindo obstáculos para a construção de uma concepção própria para o jornalismo especializado. Como “solução” para o conflito, Borrat propõe ser possível caracterizar este jornalismo como “una manera de producir textos periodísticos”; o que, na nossa concepção ainda restringe a noção se pensamos na idéia mais ampla de “temporalidades” e “espacialidades jornalísticas”. No Brasil, um texto de Nilson Lage (2001) traz a discussão sobre a especialização jornalística, mas também acaba pensando-a muito mais do ponto de vista profissional – o que já critica Borrat –, prendendo-se a um tom mais “manualista”, sem explorá-la de um ponto de vista que ofereça subsídios mais fortes para pensá-la de forma mais conceitual.



noticioso (no sentido de uma informação rápida e datada), podendo cumprir e exercer um caráter de aprofundamento sobre as especialidades de que trata. Tal contexto aponta para algumas pontes interessantes.

Primeiramente, no que diz respeito a um tipo de jornalismo especializado bastante corrente, mas ainda muito pouco problematizado: o jornalismo de revista. A revista, como aponta Marília Scalzo (2004), possui menos informação sentido clássico (das ‘notícias quentes’) e mais informação pessoal (aquela que vai ajudar o leitor em seu cotidiano, em sua vida prática). O que não quer dizer, como ressalta a jornalista, que as revistas não busquem exclusividade no que vão apresentar a seus leitores; ou que não façam jornalismo.

A revista está localizada no contexto da mídia impressa e, por esse motivo, também se dedica de maneira bastante enfática à construção da informação não apenas pelo eixo verbal-textual, mas também visual. Dizer da especialidade jornalística aí presente, é valorizar os espaços discursivos e gráficos que se potencializam nesse suporte. Tal construção irá variar de acordo com a temática tratada em suas seções ou nela como um todo, o que diz de suas questões propriamente editoriais (se a revista é semanal, quinzenal, mensal; se está dedicada a um jornalismo específico – como o econômico ou científico –; se ela está voltada para uma temática como a saúde, por exemplo; ou se para um tipo específico de público, como o feminino ou adolescente).

De forma sintética, pode-se dizer que, como um tipo de jornalismo especializado, o jornalismo de revista incorpora um tom mais analítico e mais dedicado (no sentido do tempo hábil que envolve sua produção) que a cobertura cotidiana. Como todo jornalismo especializado, “busca la información oculta y sus temáticas pueden variar por todo el ámbito de la actividad humana” (ATALA, 2005, p. 9).

Nesse sentido, se entrecruzam na revista, de um ponto de vista informativo, uma série de elementos da especialização periodística, tal qual apontado por Javier Fernández del Moral (1996). Nela, há a preocupação de tradução da realidade especializada do conhecimento pelo jornalismo, a adequação de gêneros e estilos jornalísticos para a transmissão variada de saberes, a utilização de outras fontes além de entrevistas, o uso e a incorporação de novas técnicas e tecnologias.

Fernández Del Moral (1993 – 1994), em outro texto, define o jornalismo especializado como aquele que dá aos meios de comunicação a oportunidade de responder aos desafios do conhecimento em uma sociedade – a nossa – que vem perdendo referências amplas por não saber estabelecer análises profundas e rigorosas da vida cotidiana, relacionando-a a realidade da pesquisa científica. Ao fazer essa ponte, o professor propõe à



“Información Periodística Especializada” o status de “uma nova Sociologia do Conhecimento”, na qual não haveria truques, nem manipulações, sendo constantemente julgada pela própria sociedade¹².

A visão “idealizada” de Fernández del Moral, no entanto, pode ser questionada em dois aspectos: se a sociedade estaria em “crise de conhecimento”, como ela própria realizaria esse julgamento?; e como imaginar uma imprensa sem truques ou manipulações, já que os mesmos, ainda que no “bom sentido”, fazem parte da construção de sentido na mídia jornalística?

Assim, partindo do quadro acima apontado, perguntamos: o que acontece quando uma revista específica – *Vida Simples* – volta-se especializadamente para uma temática – a qualidade de vida?

2.2. A qualidade de vida como acontecimento: um encontro jornalístico

No jornalismo especializado de revista uma questão central do fazer jornalístico coloca-se em cheque: o acontecimento. Por voltar-se principalmente para uma cobertura temático-especializada sobre a vida social, este jornalismo desvincula-se do factual, da cobertura puramente noticiosa do cotidiano.

O jornalismo especializado diário – e mesmo o semanal – conserva o vínculo com os preceitos que regem essa cobertura. Mas o fazer “revistado” das publicações de periodicidade mais ampla mudam essa lógica e inauguram outros processos. O que não quer dizer, entretanto, que seu eixo jornalístico se perca, o de seu referente principal, o acontecimento. Este passa a ser visto e constituído de outra forma.

Ao eleger temas e nichos de mercado para atuação, tentando abarcar certos padrões culturais que permeiam o *ethos* de uma sociedade (MIRA, 2001, 2004), é possível dizer que permanecem mapeados – principalmente nas revistas que direta ou indiretamente tratam do comportamento humano – aspectos de temporalidades e espacialidades sociais¹³ que correspondem não a questões propriamente factuais, mas a uma conjuntura.

Neste contexto, as revistas de comportamento formatam, jornalisticamente e de forma especializada, a experiência coletiva e individual, oferecendo parâmetros para o viver no mundo.

¹² As concepções de jornalismo como ciência (GENRO FILHO, 1987; GROTH, 2006) ou como forma de conhecimento (GENRO FILHO, 1987; MEDITSCH, 1992, 2005; PARK, 1976) também foram formuladas diferentemente por outros autores.

¹³ “Así como el tiempo está entretejido con las acciones y los significados humanos, de igual modo el espacio no actúa meramente como fondo indiferenciado de la interacción humana, sino que es creado socialmente y modificado por tal actividad” (STEVENSON, 1998, p. 197).



Entre as publicações brasileiras, a revista *Vida Simples* (Editora Abril) pretende mapear uma temporalidade da sociedade contemporânea, considerando-a problemática, colocando no centro da resolução dos conflitos por ela impostos os próprios sujeitos, e dizendo, ao mesmo tempo, como estes devem se portar e agir¹⁴. Sua temporalidade diz muito mais de um “espírito do tempo” do que de um fato isolado, algo corrente no jornalismo. Mais que “matérias frias” ou “de gaveta” – para usar o jargão jornalístico – suas formas discursivas lidam com tópicos que permeiam “acontecimentos de longa-duração”¹⁵ na nossa sociedade.

No caso desta publicação, os acontecimentos referem-se a contextos muito mais amplos, cujos tempos e espaços se constituem por situações e conceitos que são enquadrados jornalisticamente de acordo com parâmetros de público, circulação e de entretenimento. Todos estes, direcionadores do perfil da revista. Em *Vida Simples*, a qualidade de vida encontra-se materializada em textos e construções gráficas norteados por grandes temas (Amor, Tranqüilidade, Maturidade, Confiança, Amizade, Religiosidade etc)¹⁶ que configuram-se como os grandes referentes da publicação, “acontecendo” na realidade social e “fazendo acontecer” uma cobertura jornalística diferenciada.

3. *Vida Simples* entre tempos e espaços

As noções de tempo e espaço vêm sendo discutidas em estudos jornalísticos diversos¹⁷ que abordam, principalmente, o jornal impresso diário. Suas apropriações se dão, com destaque, na reflexão sobre questões editoriais (o viés e a configuração do produto estudado) e questões produtivas (principalmente no que diz respeito às rotinas de produção e sua configuração prática na ação e na materialidade do meio com o qual está se lidando).

Na revista *Vida Simples*, se pensamos a abordagem proposta sobre a temática da qualidade de vida, encontramos marcas jornalísticas na apropriação do tema, enquadrando no tempo e no espaço da publicação, tempos e espaços sociais mais amplos. Ao tomar como referente grandes tópicos que permeiam a sociedade (atrelados, a um público e a um nicho de mercado, vale dizer), a publicação, no conjunto dos processos que vão se construindo, formaliza uma série de sentidos para um bem viver. Neste contexto, cabem algumas

¹⁴ “Tempo e temporalidades já são de alguma data objeto de certo modismo intelectual, com amplo espaço e apelo no ambiente da mídia e em toda sorte de literatura voltada para a ‘boa’ gestão da vida cotidiana (auto-ajuda e afins). Nesse ‘mercado de idéias’ faz sucesso a tematização de uma crise das sociedades lastreadas em maneiras de lidar com o tempo que criam ‘tirantias’ e ‘doenças’ decorrentes do culto da ‘pressa’ e do ‘imediato’” (ANTUNES, 2007, p. 26).

¹⁵ Em nossa pesquisa, estamos tratando desta questão no tensionamento entre a noção de acontecimento jornalístico como fato superficial versus o acontecimento do jornalismo especializado que parte de grandes temas da sociedade e que diz de seus outros tempos, os de “longa duração”. Sobre estas noções ver: BARBOSA (2002), BRAUDEL (1982, 1988); BURKE (1992), ELIAS (1998), LE GOFF (1988), QUERÉ (2005).

¹⁶ Ver <http://vidasimples.abril.com.br>.

¹⁷ Ver, por exemplo: ABRIL (2003); ANTUNES (2007); FRANSCISCATO (2005); SILVA, MAROCCO (2008); MORETHZON (2002); TUCHMANN (1983).



perguntas: que imagem de bem estar se forma? Em que fundamentos se baseia a noção de qualidade de vida proposta pela publicação? Como este bem estar “acontece” na revista? Tais questões apontam uma outra, também importante: como a qualidade de vida “afeta” a publicação, caracterizando o próprio jornalismo ali produzido?

Observando rapidamente a materialidade da revista (nos seus aspectos textuais, gráficos e de conteúdo), tomando em consideração seu caráter mensal (e, portanto um outro ritmo de produção temporal-jornalística)¹⁸, alguns apontamentos são indicativos.

a) textualidades

Vida Simples foi publicada pela primeira vez em 2002 como suplemento de *SuperInteressante* e hoje, como publicação autônoma, encontra-se em sua edição de número 67 (junho de 2008). Seu slogan a resume como “a revista para quem quer viver mais e melhor”. E sua definição a classifica como uma publicação voltada “para quem quer descomplicar o seu dia-a-dia, transformar sua casa num lugar ainda mais tranquilo e gostoso, trabalhar com mais alegria, cuidar da aparência sem descuidar de essência”.

A organização textual encontra-se em seções fixas divididas em gêneros que variam entre a reportagem, a entrevista, a coluna de opinião e os serviços. No entanto, ao tratar da qualidade de vida, alguns movimentos aparecem na configuração destes gêneros tradicionais jornalísticos, indicando uma espécie de mapa pelo qual se trata do mote da revista. Através de suas seções, *Vida Simples* reveste-se de sofisticação e de algumas contradições; construindo um jornalismo híbrido que pretende, especializadamente, não apenas relatar sobre o mundo, mas também analisá-lo, propondo sobre ele – a partir de seu leitor – uma intervenção.

Ao se buscar lidar com as “turbulências” coletivas e individuais que marcam a temporalidade contemporânea, a revista constrói, mensalmente, um tipo de produto que busca traduzir jornalisticamente uma idéia de simplicidade (o que está marcado desde o seu título) a partir de alguns pontos elementares, que se alimentam dos temas tratados em cada edição.

Os textos de todas as seções mesclam uma linguagem direta e “conversacional”, seguindo um tom que, podemos dizer, funciona de forma terapêutica. O jornalista que fala atua na mediação de saberes que dizem sobre o que “é bom” para “se ter uma vida simples” e, ao mesmo tempo, solicita ao leitor uma postura, lembrando, várias vezes, “que cabe a ele alcançar em seu dia-a-dia” o que lhe trará um “melhor” estilo de vida. Aponta-se neste

¹⁸ Ver: TAVARES (2008).

processo uma série de valores, ressaltando, quase sempre, como deve ser e o que significa um tipo de comportamento.

As reportagens estão permeadas por fontes (ora entrevistados, ora documentos e pesquisas, ora livros inteiros) que buscam criar uma segurança e legitimidade ao que se diz, embora, muitas vezes, igualemente, por exemplo, questões espirituais e científicas, buscando contemplar o universo da “especialidade” para a qual se volta.

As seções opinativas constituem-se por textos curtos (que abordam basicamente relatos de experiências e auto-reflexões de alguns personagens-escritores) e alguns ensaios maiores (de terapeutas e filósofos), que aparecem tal como matérias.

As entrevistas – seção “Conversa” – geralmente têm por foco alguém cujo comportamento ou história de vida são exemplares de uma “vida mais simples”, seguindo a construção de sentido proposta pela revista sobre seu tema principal. Outras duas seções “Perguntas” e “Mente Aberta”, são compostas respectivamente por pequenas notas que respondem a questões do tipo “O que fazer com o óleo de cozinha usado?” (Junho de 2008) e a dicas e informações como o exemplo “Guardião do tempo - Antigas peças mantêm o vigor nas mãos de um relojoeiro” (Junho de 2008).

Além disso, há uma seção, “Tudo Simples”, com dicas de produtos que combinam como uma “qualidade de vida”, mas cujos custos não são, assim, tão simples...

b) visualidades

Organizando visualmente os textos, a revista apresenta um projeto gráfico “clean”, com muitos “brancos” e páginas que “respiram e deixam o leitor respirar”, ditando ao texto um ritmo distinto de leitura e oferecendo uma relação de sentidos que foge, aos padrões canônicos do jornalismo impresso.

Na visualidade talvez estejam os grandes “jogos de significação” da revista, onde busca-se traduzir a temática da qualidade de vida de uma maneira sofisticada e visualmente prazerosa, o que, a nosso ver deixa clara uma forte afetação da revista pela temática tratada. Esta última, provocando um outro fazer jornalístico e potencializando um interessante aspecto estético, a ser explorado ainda pelos estudos sobre o “jornalismo especializado de revista”¹⁹. Alguns exemplos podem ser vistos nas capas (figuras 1), nas reportagens (figura 2) e na seção de “dicas” (figura 3).

¹⁹ Ver melhor em TAVARES (2008).



Figura 1 (10/2006)



Figura 2 (06/2008)



Figura 3 (12/2007)

c) cruzamentos

O que encontramos em *Vida Simples*, no cruzamento das questões textuais e visuais são, principalmente, três movimentos.

Um primeiro que diz respeito a uma composição editorial pensada a partir de um tema. Constituindo a revista (suas seções e abordagens) flagra-se a construção de um enquadramento jornalístico que toma a qualidade de vida como referente, mas que transparece-a como algo que acontece na sociedade. Um acontecimento que – não factual, mas conjuntural – é, mais que relatado, interpretado; provocando no jornalismo aí construído não apenas a função de mediar o conhecimento especializado sobre um tema, mas o de propor, com uma outra autoridade, uma ação terapêutica sobre o mundo que o envolve²⁰. A publicação, ao lidar com temporalidades e espacialidades, “afetada” pela qualidade de vida, especializa ainda mais seu jornalismo já especializado.

Um segundo movimento diz respeito ao fato de que através das apropriações jornalísticas constituintes da revista²¹, essa passa a funcionar duplamente: 1) como metonímia para pensar o *jornalismo de revistas de comportamento* e, ao mesmo tempo, 2) como ponte para se abordar o *jornalismo especializado de revista*. Um incorporando o outro, como resultado da idéia aqui proposta de que os “temas também acontecem”.

Um terceiro movimento é aquele que permite reconhecer no encontro dos tempos e espaços (sociais e jornalísticos) um elemento importante dessa constituição: sua configuração visual e os jogos de sentido existentes na relação texto, imagem e projeto gráfico. Algo que ainda pretendemos explorar melhor e cuja compreensão é fundamental para perceber como os conteúdos são realmente trabalhados e o que eles passam a significar a partir disso.

²⁰ Há neste processo um tensionamento com questões que envolvem o campo discursivo da auto-ajuda. Ver mais sobre isso em: TAVARES (2008).

²¹ Aqui, é bom dizer, pouco exploradas pelas limitações do artigo.



4. Últimas considerações

Este texto pretendeu esboçar e apresentar um desenho analítico possível para se pensar uma prática jornalística que não é propriamente “noticiosa”, buscando refletir sobre esta sem fugir do que seja tomado como próprio do campo do jornalismo.

Nossa intenção foi discutir rapidamente o “acontecimento jornalístico” a partir de outras referências (como as temporalidades sociais contemporâneas, o jornalismo especializado e a temática da qualidade de vida), tecendo um contexto propício para a análise futura de nosso objeto de pesquisa – a revista *Vida Simples* –; e pretendendo que essa mesma análise venha a colaborar com outras que observem processos jornalísticos que se assemelhem ou que sejam provocados pelo aqui estudado.

5. Referências bibliográficas

- ANTUNES, Elton. **Temporalidade e produção do acontecimento jornalístico**. In: *Em Questão* (UFRGS). Porto Alegre, v. 13, p. 25-40, 2007.
- ATALA, Fernando Gutierrez. **Bases conceptuales para considerar (y transformar) al periodismo de investigación una nueva herramienta de especialización informativa**. In: *Estudios de Periodismo y Relaciones Públicas*. Comunicación y Política. Universidad de Viña del Mar. Chile. Año V Número 5 – Segundo semestre 2005. Disponível em: <http://www.uvm.cl/comunicaciones/estudios2005/Ponencia%206%20GUTIERREZ.doc>. (Acesso em abril de 2008).
- BARBOSA, Marialva. **O acontecimento contemporâneo e a questão da ruptura**. *Semiosfera* – Revista de Comunicação e Cultura. Rio de Janeiro, volume 2, número 1, maio de 2002. Disponível em: www.eco.ufrj.br/semiosfera/anteriores/semiosfera02/. (Acesso em agosto de 2006).
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- BAUMAN, Zygmunt. **O mal estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- BAUMAN, Zygmunt. **Tempos Líquidos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007a.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vida de Consumo**. Madrid: Fondo de Cultura Económica, 2007b.
- BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. **Modernidade, pluralismo e crise de sentido**. A orientação do homem moderno. Petrópolis: Vozes, 2004.
- BORRAT, Hector. **Hacia una teoría de la especialización periodística**. In: *Revista Anàlisi*. Facultad de Ciencias de la Información de la universidad Autónoma de Barcelona. Nº 15, 1993. p. 79-84.
- BRAUDEL, Fernand. A longa duração. In: BRAUDEL, Fernand. **História e Ciências Sociais**. Lisboa: Presença, 1982. p. 7-39.
- BRAUDEL, Fernand. **O espaço e a história no Mediterrâneo**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- BURKE, Peter. A história dos acontecimentos e o renascimento da narrativa. In: BURKE, Peter. **A escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: Unesp, 1992. p. 327-348.
- CASASÚS, Josep María. **Iniciación a la periodística**. Barcelona: Tide, 1988.
- ELIAS, Norbert. **Sobre o Tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- FERNÁNDEZ DEL MORAL, Javier. **Fundamentos de la Información Periodística Especializada**. Madrid: Editorial Síntesis, 1996.
- FERNÁNDEZ DEL MORAL, Javier. **Informática y estadística. Los nuevos desafíos de periodismo especializado**. In: Revista *TELOS*. Madrid, diciembre 1993 - febrero 1994. Disponível em: http://www.campusred.net/telos/anteriores/num_036/index_036.html?cuaderno_central3.html. (Acesso em março de 2008).



- FONTCUBERTA, Mar de. **La noticia**. Barcelona: Paidós, 1993.
- FRANÇA, Vera. **Jornalismo e Vida Social: a história amena de um jornal mineiro**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- FRANSCISCATO, Carlos E. **A fabricação do presente**. Aracaju: Editora UFS, 2005.
- GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1989.
- GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo**. Porto Alegre: Tchê, 1987.
- GIDDENS, Anthony. **As Conseqüências da Modernidade**. São Paulo: Unesp, 1991.
- GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.
- GROTH, Otto. Tarefas da pesquisa da ciência da cultura. In: MAROCCO, B.; BERGER, C. **A era glacial do jornalismo: teorias sociais da imprensa**. Porto Alegre: Sulina, 2006.
- LAGE, Nilson. **A Reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- LE GOFF, Jacques. A História Nova. In: LE GOFF, Jacques; CHARTIER, Roger; REVEL, Jacques. **A História Nova**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988. p. 26-64.
- LIPOVETSKY, Gilles. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Editora Barcarolla, 2004.
- MAFFESOLI, Michel. **O instante eterno: o retorno do trágico nas sociedades pós-modernas**. São Paulo: Zouk, 2003.
- MEDITSCH, Eduardo. **Journalism as a form of knowledge: a qualitative approach**. In: *Brazilian Journalism Research*, Brasília, v. 1, n. 2, 2005.
- MEDITSCH, Eduardo. **O Conhecimento do Jornalismo**. Florianópolis, Editora da UFSC, 1992.
- MIRA, Maria Celeste. Cultura e Segmentação: um olhar através das revistas. In: SILVA, Ana Amélia da; CHAIA, Miguel (Orgs.). **Sociedade, cultura e política: ensaios críticos**. São Paulo: EDUC, 2004. p. 246-259.
- MIRA, Maria Celeste. **O leitor e banca de revistas: a segmentação da cultura no século XX**. São Paulo: Olho d'Água/Fapesp, 2001.
- MORETZSOHN, Sylvia. **Jornalismo em “tempo real” – O fetiche da velocidade**. Rio de Janeiro: Revan, 2002.
- ORIVE, Pedro; FAGOAGA, Concha. **La especialización en el periodismo**. Madrid: Dossat, 1974.
- PARK, Robert. "A notícia como forma de conhecimento". In: Steinberg- Meios de comunicação de massa. São Paulo: Cultrix, 1976.
- QUERÉ, Louis. **Entre facto e sentido: a dualidade do acontecimento**. In: *Trajectos – Revista de Comunicação, Cultura e Educação*. Lisboa, nº 6, 2005, p. 59-76.
- RÜDIGER, Francisco. **Literatura de auto-ajuda e individualismo: contribuição ao estudo da subjetividade na cultura de massa contemporânea**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1996.
- SCALZO, Marília. **Jornalismo de Revista**. São Paulo: Contexto, 2004.
- SENNET, Richard. **O novo capitalismo**. São Paulo: Record, 2006.
- SILVA, Alexandre Rocha da; MAROCCO, Beatriz Alcaraz. **Murmúrios de Aion. Tempo e Jornalismo**. In: *Verso e Reverso* (São Leopoldo), v. XXII, 2008.
- SOUSA, Jorge Pedro. **Teorias da notícia e do jornalismo**. Chapecó: Argos, 2002.
- STEVENSON, Nick. **Culturas mediáticas, teoría social y comunicación masiva**. Buenos Aires: Amorrortu, 1998.
- TAVARES, Frederico de Mello Brandão. **Vida Simples: agenciamentos entre jornalismo e qualidade de vida**. São Leopoldo: UNISINOS - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, 2008. Ensaio. (Mimeografado). 21 f.
- TRAQUINA, Nelson. **O estudo do jornalismo no século XX**. São Leopoldo: Unisinos, 2001.
- TUCHMAN, Gaye. **Producción de la noticia: estudio sobre la construcción de la realidad**. Barcelona: Gustavo Gilli, 1983.